



Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

## 24 horas vitais da Revolução Francesa

A queda de Robespierre (Editora Planeta, 672 páginas, R\$ 140,00), de Colin Jones, professor emérito de História Cultural na Queen Mary University de Londres, especialista em história francesa, especialmente século XVIII, Revolução e História da Medicina, apresenta as 24 horas que definiram o rumo da Revolução Francesa e revisita o episódio emblemático, mergulhando nas últimas horas de vida do controverso Maximilien Robespierre.

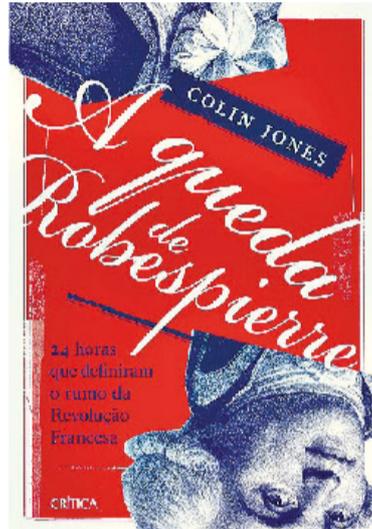
Colin Jones foi condecorado com a Ordem do Império Britânico, é Membro da British Academy e ex-presidente da Royal Historical Society. Nessa alentada obra, que lhe tomou muitos anos de trabalho, fala do dia 27 de julho de 1794, ou o dia 9 Termidor. A data é amplamente reconhecida como um marco na história da Revolução Francesa. À meia-noite, Robespierre, o membro mais proeminente do Comitê da Salvação Pública, que

havia dirigido o Terror por mais de um ano, estava planejando destruir uma das conspirações mais perigosas que a Revolução havia enfrentado.

No final do dia tumultuado, cheio de reviravoltas, seu mundo havia virado de cabeça para baixo. Ele era um fora da lei, em fuga e procurado por conspiração contra a República. Sentiu a vida e a carreira no final. E estavam mesmo. Ele se matou pouco depois. Meio-morto, a guilhotina o executou de forma macabra no dia seguinte.

Ainda hoje há duas lendas envolvendo Robespierre. Uma “lenda dourada” o traz como um líder incorruptível e pai da democracia social. Uma “lenda sombria” o retrata como um “ditador megalomaniaco” sedento por sangue.

Lembrando Dickens e o romance policial britânico clássico, Jones elabora uma narrativa detalhada e deliciosa, sem deixar de lado o rigor historiográfico e



implodindo as fronteiras entre a história e o romance histórico. Jones faz outra leitura sobre Robespierre, afinada com o melhor da historiografia atual e amparada em documentação. Jones não isenta Robespierre de suas ações, mas mostra que a ideia de um “Estado terrorista” dirigido por um único homem deve ser revista.

## e palavras...

### FREUD NO PARCÃO

Confesso que ainda não fui fazer sessão terapêutica com a estátua do imortal Dr. Sigmund Freud inaugurada, com chuva e frio britânicos, na manhã de sábado passado, no Parque Moinhos de Vento, o Parcão. Claro que vou lá assim que possível tomar a bênção e abrir os nebulosos porões do meu inconsciente para o pai da psicanálise. Sou paciente freudiano e mais ortodoxo que rótulo de Oliná, desses de consultório, mas pretendo até fazer terapia alternativa peripatética, caminhando, pensando e falando em volta da estátua, que pesa três toneladas e mede 2m50cm.

Pelo visto, os ladrões de bronze que andam por aí no máximo vão conseguir roubar os óculos do doutor, ou talvez a placa do monumento, feito com bronze e granito gaúchos por vinte e um artistas da Associação dos Escultores do Rio Grande do Sul (Acergs). O monumento é bonito, imponente, bem visível e acho que esta à altura de Freud, um dos pensadores mais importantes do século XX e que, após 86 anos de sua morte, segue influenciando nossas maneiras de viver, pensar e refletir sobre nós e o mundo e a sobre as formas com as quais produzimos arte e cultura. Nos tempos da pandemia e da enchente a população foi auxiliada por terapeutas, muitos com trabalho voluntário.

Como sempre, há quem reclame do custo da obra, da localização e outros detalhes. Normal. Quanto ergueram a Torre Eiffel muitos parisienses reclamaram. O genial escritor Maupassant protestou, disse que ela era um esqueleto gigante, uma monstruosidade, mas ironicamente ele almoçava no primeiro andar, que era o

único lugar em Paris onde, dizia, ele não precisava olhar para ela.

Historicamente poderiam ter pensando em localizar a bela estátua do Freud no local onde antigamente era o Largo da Loucura, a Praça que hoje homenageia o grande doutor Annes Dias, em frente a Santa Casa. No entorno havia e ainda há consultórios de psicoterapeutas. Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI muitos psicólogos, psiquiatras e psicanalistas localizaram seus consultórios na rua Tobias da Silva, que logo ganhou o simpático apelido de Fobias da Silva. Acho que a estátua não ficaria bem lá.

Atualmente os profissionais da área psi estão atendendo, creio, desde o Lami até o Sarandi, mostrando que se espalhou e democratizou a nobre atividade de escutar e auxiliar a quase todos nós, estonteados habitantes urbanos, necessitados de ajuda, em meio a tantos sons, palavras, ruídos, notícias, brigas e crises culturais, sociais, políticas, financeiras e mentais.

Em Viena onde viveu boa parte de sua vida e em Londres onde viveu o último ano de sua existência, Freud se localizou em endereços elegantes, que hoje são museus. Portanto, Freud combina com o Moinhos de Vento, nosso bairro que une passado, presente e futuro com elegância, saúde, liberdade e democracia. Especialmente nos fins de semana, o Parcão é um território alegre, saudável, plural, livre e democrático, sem preconceitos contra cachorros, gatos, bicicletas, bebês, crianças, jovens e adultos de qualquer parte da cidade, do Estado, do Brasil e de países estrangeiros. O Parcão é inclusivo e universal.

## lançamentos



► **As aventuras de Generosidade** (Editora Alice, 64 páginas, R\$ 60,00) de Silvana Pretto Zanon, engenheira, empresária e escritora, obra infanto-juvenil, é mais que uma história de aventura, é um convite ao brincar e uma leitura que estimula curiosidade, empatia e construção de amizades, temas preciosos para a autora e para a busca de um mundo mais solidário.



► **A educação da vontade** (Edipro, 224 páginas), de Jules Payot (1859-1940), célebre pedagogo francês e reitor das Universidades Chambéry e Aix-en-Provence, ensina a fortalecer a vontade e adquirir o domínio de si e a investigar as causas da preguiça, da dispersão de atenção e da fraqueza moral. É um clássico da pedagogia.

► **Morrendo de rir** (Arquipélago, 184 páginas, R\$ 39,90), da premiada escritora, jornalista, ilustradora e artista plástica carioca Elvira Vigna traz crônicas saborosas que falam de feminismo e machismo, especialmente para mulheres, que ouvem melhor. As crônicas falam de literatura, futebol, feiras literárias, encontros e desencontros, mau humor com a política e outras inquietações cotidianas, sem aliviar para ninguém, mas com mordacidade e sagacidade.



## a propósito...

Brincadeiras e coisas ditas sérias à parte, o Freud no Parcão vai se tornar um ponto turístico e uma referência nacional e internacional. O monumento vai proporcionar fotos e *selfies*, ajudar a divulgar ainda mais as ideias do psicanalista e nossa cidade. Há quem diga que somente os

passarinhos tratam estátuas com naturalidade. Tomara que, no caso do Freud, as pessoas tratem a estátua com naturalidade e aproveitem o tempo que for possível para desacelerar um pouco, tomar consciência do momento e seguir o caminho com prazer de viver. **(Jaime Cimenti)**